

..... Artigo

Ecologizar o pensamento, regenerar a vida: para celebrar os 100 anos de Edgar Morin

Ecologizing thought, regenerating life: to celebrate 100 years of Edgar Morin

DOI: <https://doi.org/10.23925/1982-4807.2021i29p21-35>

Sydney Cincotto Junior¹

Resumo: O artigo aborda a potência do pensamento complexo de Edgar Morin, que deflagrou uma *mudança de via* em minha história de vida ao religar os saberes, ao reflorestar meu conhecimento, ao ecologizar meu pensamento. É uma reflexão sobre a importância de assumirmos a responsabilidade coletiva com a regeneração dos sistemas socioecológicos e com o futuro biocultural da Terra. *É hora de mudarmos de via*, ecologizar o pensamento, regenerar a vida.

Palavras-Chave: Complexidade, Edgar Morin, Pensamento Ecologizado, Regeneração

Abstract: *The article addresses the power of the complexity of Edgar Morin's ideas, which unleashed a deep change in my life by connecting pieces of knowledge, reforesting my ideas and ecologizing my thoughts. This is a consideration on the importance of taking collective responsibility for the regeneration of socio-ecological systems and for the biocultural future on Earth. It is high time we switch lanes, ecologize thinking, regenerate life.*

Keywords: *Complexity, Edgar Morin, Ecologized Thought, Regeneration*

Um passarinho pediu a meu irmão para ser a sua árvore.
Meu irmão aceitou de ser a árvore daquele passarinho.
No estágio de ser essa árvore, meu irmão aprendeu de sol,
de céu e de lua mais do que na escola.
No estágio de ser árvore meu irmão aprendeu para santo
mais do que os padres lhe ensinavam no internato.
Aprendeu com a natureza o perfume de Deus.
Seu olho no estágio de ser árvore aprendeu melhor o azul.
E descobriu que uma casca vazia de cigarra esquecida
no tronco das árvores só presta para poesia.

¹ Doutor em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUC/SP; Pesquisador do Núcleo de Estudos da Complexidade – *Complexus* da PUC/SP; Coidealizador do Cidades Afetivas; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8129-9870>; e-mail: jrcincotto@hotmail.com

No estágio de ser árvore meu irmão descobriu que as árvores são vaidosas.

Que justamente aquela árvore na qual meu irmão se transformara, envaidecia-se quando era nomeada para o entardecer dos pássaros. E tinha ciúmes da brancura que os lírios deixavam nos brejos. Meu irmão agradeceu a Deus aquela permanência em árvore porque fez amizades com muitas borboletas.

Manoel de Barros

Ano vinte e um do século XXI.

Há aproximadamente um ano e meio, no final de 2019, tivemos a confirmação dos primeiros casos da Covid-19 provocada pelo novo coronavírus, o SARS-CoV2, na cidade chinesa de Wuhan. Desde então, o vírus se espalhou rapidamente e o mundo mergulhou na pandemia, fato que impactou profundamente as sociedades humanas provocando alterações no cotidiano das populações. Com a pandemia em curso, medidas sanitárias relativas à restrição da circulação, reunião e concentração de pessoas foram tomadas a fim de diminuir a acelerada transmissão do novo coronavírus e a escalada descontrolada da Covid-19 decorrente do contágio exponencial. Cuidados médico-hospitalares foram implementados, cientistas se desdobraram para sequenciar o genoma do vírus e numa verdadeira corrida contra o tempo começaram a pesquisar, desenvolver e testar os imunizantes necessários.

Nesse contexto, o debate sobre como reinventar a vida em um cenário de convivência com a Covid-19 suscitou, e tem suscitado, inúmeras reflexões e publicações sobre o que deveríamos esperar de um mundo pós-pandemia em um planeta já afetado profundamente pelas crises ambiental, climática, cognitiva, econômica, espiritual, ética, humanitária, política e social. A crise sanitária provocada pelo novo coronavírus potencializou a policrise já existente, que a humanidade parece não querer enxergar.

Há algo que a pandemia do coronavírus possa nos ensinar?

Em *É hora de mudarmos de via: as lições do coronavírus*, Edgar Morin pontua que “a primeira revelação fulminante dessa crise inédita é que tudo que parecia separado é inseparável” (MORIN, 2020b, p. 21). Compartilho com ele a ideia de que tudo está interligado. As crises identificadas separadamente agora somadas à pandemia do coronavírus são expressões de uma única crise global que é multidimensional e sistêmica.

Atravessamos um grave momento histórico, o mundo pós-coronavírus é tão preocupante quanto o que estamos vivenciando no presente. Segundo Morin (2020b), temos diante de nós é um futuro incerto e imprevisível que está sendo gestado agora. A crise multidimensional em curso nos reserva uma série de desafios interdependentes que temos de enfrentar. Reforçada pela pandemia, a policrise deve ser entendida também como uma crise aguda do paradigma da

modernidade, da racionalização do mundo e do modelo civilizatório governado pela tríplice ação globalização-ocidentalização-desenvolvimento. Estamos diante de muitas incertezas, temos de aprender a conviver com elas.

É preciso que a humanidade desperte para a realidade sistêmica e complexa da vida, reconheça a interdependência das sociedades humanas com a biosfera. *É hora de mudarmos de via*, não há mais como nos esquivarmos da onirresponsabilidade com os sistemas socioecológicos e com o futuro biocultural da Terra.

É exatamente sobre a importância de mudar de via que vou tratar nesse texto que celebra o centenário de Morin e o meu encontro com ele. É sobre a potência desse encontro que deflagrou uma mudança de via em minha história pessoal e sentido de vida, ao suspender minhas estruturas tácitas de conceitos e ideias, ao dissipar minhas certezas, ao desorganizar meu sistema lógico de conhecimento, ao ecologizar meu pensamento. Um encontro que produziu uma verdadeira metamorfose na minha cosmovisão, me inspirou a imaginar outros mundos possíveis e a advogar por uma mudança de via para o futuro da humanidade e do planeta.

Sapiens Demens

Meu primeiro contato com as ideias de Morin aconteceu no início da graduação em Ciências Sociais na PUC de São Paulo em uma aula de Antropologia com a leitura de *O paradigma perdido: a natureza humana*ⁱ. Foi quando eu ouvi pela primeira vez que o *Homo sapiens sapiens* era demasiadamente *sapiens*, que a concepção de ser humano difundida pelo grande paradigma do Ocidenteⁱⁱ havia desconsiderado nossa animalidade, negligenciado nossa afetividade, negado nossa demencialidade para conservar apenas a imagem de um ser superior dotado de razão e cultura.

Para compreendermos a natureza humana, Morin (1975) chamava a atenção para acontecimentos ímpares do processo de hominização como o desabrochar da consciência da morte, a emergência do duplo, a irrupção do mito e da magia, a efervescência dos sonhos, os furores dos êxtases e das paixões, a eclosão das alucinações, a manifestação da loucura. O ser humano, antes de ser tido apenas como um ser de razão era, sobretudo, um animal dotado de desrazão, um *sapiens demens*.

Começava ali, sem que eu ainda soubesse, a minha jornada em direção ao pensamento complexo. Logo o meu interesse se voltou para a natureza humana, em princípio foram Jean-Jacques Rousseau, Marcel Mauss, Sigmund Freud e Claude Lévi-Strauss os autores que mais me instigaram a pensar no assunto. Identifiquei nas teorias desses autores uma abertura para a

compreensão do ser humano que não o encerrasse na sua racionalidade e tampouco o apartasse da natureza. Com elas construía pontes nesse arquipélago de saberes para dialogar com a antropologia complexa de Morin.

Foi assim que, ainda na graduação, me juntei ao *Complexus* – Núcleo de Estudos da Complexidade, recém-criado por Edgard de Assis Carvalho, e comecei a participar intensivamente das suas atividades. Essas novas compreensões sobre o homem despertaram em mim o velho questionamento sobre quem somos, de onde viemos e para onde vamos, que anos mais tarde atuaria como um dispositivo deflagrador da minha busca por uma Antropologia Fundamentalⁱⁱⁱⁱ durante a incursão pelo doutorado. Antes, mergulhei no mundo das imagens da Dra. Nise da Silveira ao longo do mestrado.

Foi no teatro que me aproximei de Nise da Silveira. Em cartaz, a peça *Anjo Duro*, no palco Berta Zemel interpretava Nise e os internos do Hospital Psiquiátrico Pedro II, no Rio de Janeiro. Em cena, a atriz dava vida aos diferentes personagens como quem vivenciasse múltiplos estados do ser, saltava aos olhos a dialogia do *sapiens demens*.

Nise criou uma abordagem terapêutica chamada a emoção de lidar, com a qual substituiu o eletrochoque e a lobotomia por expressões artísticas propulsoras de afetos catalisadores na companhia de gatos e cães, coterapeutas doadores de amor incondicional. Não via a esquizofrenia como uma simples patologia, a compreendia como um estado do ser desencadeado por explosões de afetos carregados de opressões, repressões e frustrações, que impediam o indivíduo expressar sua individualidade ↔ totalidade.

Ao final do espetáculo me senti profundamente ligado à sua compreensão da complexidade humana e à sua crítica à visão cartesiana de mundo que separa e opõe corpo/espírito, pensamento/sentimento, razão/desrazão. Sua vida foi dedicada a recompor o todo, a restaurar os componentes fragmentados da psique, a reintegrar a totalidade perdida do *self*, a religar os saberes. Associei suas ideias às de Morin, segui navegando pelos mares da complexidade humana.

Para penetrar na realidade antropológica do homem, especialmente para compreender quem somos e de onde viemos, Morin indica o primeiro passo: devemos reconhecer o enraizamento cósmico-biológico da nossa espécie. O que isso significa?

Enquanto seres vivos somos constituídos por átomos de carbono e moléculas que estão presentes na Terra e no Cosmo desde os primórdios de suas existências. Segundo Morin (2011) foi a partir dos agrupamentos turbilhonantes das moléculas que uma organização de novo tipo emergiu no planeta, uma auto-organização viva, que ao longo de milhões de anos de evolução acabou gerando incontáveis novas formas de vida, dentre elas a humana. Ao longo da grande

narrativa da biosfera terrestre, um pequeno ramo da ordem dos primatas bifurcou dessa auto-organização viva e dele vieram nossos ancestrais. A aventura hominizante dos *sapiens* foi tecida conjuntamente pelos elementos biofísicos de nossa animalidade e psicossocioculturais de nossa humanidade, que caracterizam a complexidade humana. Não há, portanto, separação entre a natureza e a cultura. Nossa história, enquanto humanidade, está entrelaçada com a história da Terra e do Cosmo.

Somos a um só tempo *sapiens demens*, seres constituídos de sonhos, magias, delírios, êxtases, mitos que interagem com nosso universo lógico-racional. Da mesma forma que a nossa **espécie** está enraizada na biosfera e no cosmo, nos constituímos enquanto **indivíduos** singulares no seio das relações socioculturais em **sociedade**. A relação entre esses três termos indivíduo ↔ sociedade ↔ espécie não pode ser tomada separadamente, de forma dissociada, eles se entretecem dialogicamente em circuito recursivo no qual cada termo contém o outro. O humano é um ser plenamente biológico e plenamente cultural, essa realidade biocultural se manifesta dialogicamente na unidade e na diversidade humana: a unidade só se realiza na interfecundação das múltiplas diversidades. Morin, sempre nos lembra em seus livros e entrevistas que em toda parte devemos preservar, cultivar, ampliar, desenvolver a unidade; em toda a parte devemos também preservar, cultivar, ampliar, desenvolver a diversidade.

Thich Nhat Hanh (1993), monge budista, escritor, poeta e ativista pela cultura da paz, ensina que na tradição do zen budismo o entendimento de que somos separados do todo é uma ilusão; ser é interser. Existimos na inter-relação com o mundo, vivemos em uma teia cósmica na qual todas as formas de vida e existência estão conectadas – intersomos. Humanos e não humanos, sol, água, vento, chuva, terra, artefatos tecnológicos – intersão.

Vou tomar como exemplo um diálogo de Edgar Morin com Michel Cassé, que ilustra tanto o duplo enraizamento na Terra e no Cosmo quanto o conceito de interser.

E. M. – (...). Você se recorda de um determinado banquete no Castelo de Beychevelle, no decorrer do qual, [...], um convidado lhe perguntou: “E você, senhor astrofísico, o que vê dentro do meu copo?”

M. C. – Eu lhe respondi que numa gota de vinho, assim como numa gota de água, bebe-se o Universo inteiro, isso porque ele transborda de hidrogênio originado da explosão original e de oxigênio emitido pelas estrelas...

E. M. – ... E você continuou a falar, referente ao carbono proveniente de um Sol anterior ao nosso. Ao descrever a cadeia de macromoléculas que se agrupam sobre a Terra primitiva durante a evolução biológica da qual

surgiu a videira selvagem, ao se referir à humanidade mediterrânea que cultivou essa videira e dela extraiu o suco da uva, até chegar aos procedimentos técnicos mais modernos..., você convidava seu interlocutor a ver dentro de seu copo...

M. C. – ... O Universo inteiro...

E. M. – ... Toda a história da humanidade, a história da vida e a história do Cosmo. É por essa razão que você fala de um *antropo-cosmo*. Cada um de nós é um microcosmo que contém em si a totalidade do Universo. (CASSÉ, 2008, p. 67-68).

Temos aqui um princípio fundamental do pensamento ecologizado: nós estamos no mundo vivo e no universo físico, da mesma forma que o mundo vivo e o universo físico estão presentes em cada um de nós. Ecologizar o pensamento não se resume a uma tomada de consciência sobre a degradação dos ecossistemas pela ação humana. Segundo Morin (2008), a emergência de um pensamento ecologizado implica reaprender a pensar, reformar o pensamento.

Arborescência do pensamento complexo

À medida que as ideias de Morin me envolviam compreendi que o problema-chave do conhecimento residia nas cegueiras da razão ocasionadas pelo grande paradigma do Ocidente. O mesmo difundiu-se com a ocidentalização do mundo e impregnou o espírito do homem contemporâneo com uma cosmovisão dualista que condiciona as atividades superiores do espírito – inteligência / pensamento / consciência – a operarem e conhecerem por meio dos princípios simplificadores de **disjunção** – oposição entre sujeito e objeto, separação entre filosofia e ciência, isolamento dos diferentes campos da ciência; **redução** – do complexo ao simples, a hiperespecialização do conhecimento, a fragmentação dos saberes; e **abstração** – descontextualização do objeto a ser conhecido em relação ao seu meio. A associação desses três princípios – disjunção / redução / abstração – Morin (2005) definiu como paradigma de simplificação.

Fui tomado pelos problemas referentes à epistemologia do conhecimento, às carências de uma ciência sem consciência, à fragmentação dos saberes durante a graduação. Nos encontros vespertinos do *Complexus* nos dedicávamos a religação dos saberes, entrelaçávamos artes, ciências, espiritualidades e humanidades nas atividades realizadas nos Ateliês e Oficinas do Pensamento, nas sessões de exibição de filmes do Películas e Ideias, nas leituras dos volumes

de *O Método* e nos Seminários Avançados de Pesquisa da pós-graduação orientados pelo Edgard, que eu frequentava desde aquela época.

Conforme a graduação avançava eu me identificava com as ideias e teorias de alguns pensadores que passaram a habitar minha noosfera particular e a dialogar com o pensamento complexo de Morin. A começar pelo diagnóstico dos frankfurtianos sobre o mal-estar contemporâneo ser fruto da racionalização da vida, da unidimensionalização da consciência, das violações éticas produzidas pela hiperespecialização da tecnociência. Com os epistemólogos contemporâneos compreendi que as teorias científicas são biodegradáveis, que obedecem ao princípio de refutabilidade e que o conhecimento científico se renova, é uma aventura aberta, incerta e inacabada. Somaram-se a eles Fritjof Capra, Rupert Sheldrake e Ilya Prigogine.

Para Capra, a crise de percepção generalizada impede o ser humano de compreender a complexidade da crise multidimensional que adocece toda a biosfera. De acordo com a teoria dos campos mórficos de Sheldrake, as informações, os hábitos e a memória coletiva de uma espécie são transmitidos imaterialmente por meio de ressonância mórfica e não inscritos materialmente nos genes que herdamos de nossos antepassados. Prigogine, demonstra que os fenômenos vivos são regidos por sistemas dinâmicos instáveis em estado de não-equilíbrio. Ordem, repetição e regularidade deram lugar à desordem criadora dos fenômenos emergentes, ou como escreveu Morin à desorganização reorganizadora dos sistemas.

O que havia em comum entre todos eles e Edgar Morin? A crítica à racionalização e à instrumentalização do conhecimento, a ultrapassagem dos determinismos, a transposição das fronteiras disciplinares, a dissolução das dualidades, a religação das culturas científicas à das humanidades, a ecologização do pensamento.

A reforma do pensamento é tema central na obra de Morin, aprendemos a pensar de forma fragmentada, somos ensinados a conhecer utilizando os princípios disjuntivos do método cartesiano. “O conhecimento ensinado e aprendido contribui para descolonizar ideias e ações”. (CINCOTTO JUNIOR, 2014, p. 95). É um dispositivo descolonizador do pensamento. Para reaprender a pensar iniciei minha incursão pelos volumes de *O Método*, aliás a palavra método, na sua essência, significa caminho, um caminho que se faz caminhando. Começava ali a epopeia reorganizadora das minhas ideias, inexoravelmente meu pensamento começava a se desorganizar para que pudesse se reorganizar.

A hexalogia *O Método*, redigida ao longo de 35 anos, é obra nutriz do pensamento complexo, uma aventura da religação dos saberes e fazeres, uma jornada de autoconhecimento e reconexão com a teia da vida, um caminho para ecologizar as ideias e regenerar o pensamento. Um convite para *mudarmos de via*.

Para mim, a *relição* não constitui apenas maneira de conhecer e pensar; ela foi o alimento vital de amor e de amizade que me deu força e coragem. O tempo formou e transformou minha obra, e me formou e me transformou. A obra me impôs sua lógica de vida, que me impôs *meu percurso de vida*, que, por sua vez, me impôs a vida da obra (MORIN, 2020a, p. 47).

A imagem que simboliza esse caminho percorrido por Morin é a *Baniana*, uma árvore frondosa que derrama seus galhos sobre o chão, no qual se enraízam e produzem novas ramificações que representam as diversas obras que ele redigiu durante sua jornada na elaboração dos volumes de *O Método*. Um ciclo recursivo no qual o ecossistema vida e ideias se regeneram ao passo que se retroalimentam produzindo novas arborescências.



Imagem 1: *Baniana*, ilustração em *A ventura de O Método*. (MORIN: 2020a, p. 50).

Desaprender a pensar de forma fragmentada, suspender as estruturas tácitas de conceitos e ideias e abrir-se para o diálogo de saberes é o caminho para tecermos um conhecimento que não se fecha sobre si mesmo. O conhecimento transdisciplinar emerge nas bordas dos territórios disciplinares onde conceitos e teorias se misturam, se entrelaçam e se interfecundam favorecendo a ecologia dos saberes. Semelhante a um ecótono – território fronteiro onde dois ou mais biomas se interpenetram e no qual diferentes comunidades ecológicas coabitam constituindo um ecossistema heterogêneo e rico em biodiversidade – esse território de interpenetração de conhecimentos e saberes regenera as ideias e, conseqüentemente, a vida. Foi essa sabedoria que o pensamento complexo de Morin me trouxe.

Redesign do homem

Retornemos ao problema-chave gerado pelo paradigma cartesiano: a reflexão mutilante que deu origem ao sujeito desenraizado do universo físico e do mundo vivo condicionando sua existência à abstração. Morin tratou exaustivamente dessa questão ao abordar a separação entre *res cogitans* e *res extensa* realizada por Descartes, que deu vida a um sujeito metafísico, a uma consciência sem corpo, a um ser humano que pensa e observa o mundo como objeto totalmente separado dele. Separar e opor razão da desrazão, animalidade da humanidade, natureza da cultura sedimentou uma visão de mundo antropocêntrica, que impede a compreensão da complexidade humana.

O protótipo antropocêntrico do *Homo sapiens* nascido da modernidade serviu aos propósitos da racionalização da vida e, juntamente ao desenvolvimento do sistema econômico utilitarista, contribuiu para consolidar a imagem do *Homo oeconomicus*, modelo racional que passou a orientar as relações sociais dos agentes econômicos concretos. De Adam Smith a Milton Friedman, a história do pensamento econômico moderno e suas teorias influenciaram diretamente a construção dessa imagem, que esboçada apresenta as seguintes características: “parado em pé, sozinho, dinheiro na mão, calculadora na cabeça e ego no coração” (HAWORTH, 2019, p. 107).

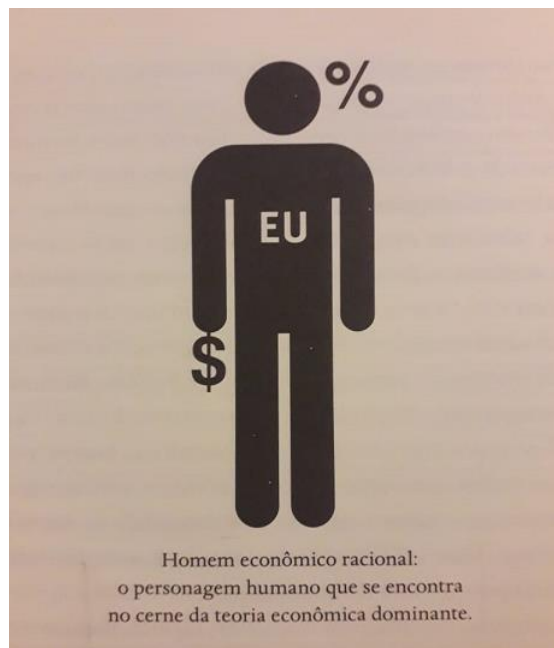


Imagem 2: *Homem econômico racional*, ilustração em *Economia Donut* (RAWORTH: 2019, p. 108).

A essa imagem do *Homo sapiens oeconomicus* acrescentaria ainda o *Homo faber*, produtor de objetos técnicos e construtor do mundo com o seu trabalho. O *Homo sapiens, faber* e *oeconomicus* concebido pela cosmovisão mecanicista do Ocidente desconsiderou a complexidade antropológica do homem, reduziu nossa existência às prosaicidades da razão, ao cálculo econômico, ao projeto de dominação da natureza e à fabricação de um mundo artificial. Essa imagem é imprópria, não corresponde à complexidade do gênero humano. Morin (2020a) lembra sempre que somos a um só tempo *sapiens/demens, faber/imaginarius, oeconomicus/ludens, prosaicus/poeticus*.

O retrato do homem esboçado pelas teorias econômicas utilitaristas é campo fértil para o cultivo da subjetividade neoliberal produtora de sujeitos atomizados, hiperindividualistas, meritocráticos, autocentrados, egoístas e altamente competitivos que são incapazes de conceber nossa interdependência com os sistemas vivos. Em um dos episódios da série *Jornada nas Estrelas*^{iv}, a essência do *Homo oeconomicus* é retratada na personagem de Ralph Offenhouse, uma espécie de megainvestidor do mercado financeiro.

Nesse episódio da série, uma nave à deriva no espaço é resgatada pela Enterprise, o ano é 2364 e no seu interior são encontradas câmaras criogênicas com humanos que haviam sido congelados no final do século XX. Ao ser despertado quase 400 anos à frente de seu tempo, Offenhouse preocupa-se somente em saber como se encontram suas carteiras de ações e seu patrimônio acumulado, o que lhe conferiria poder, domínio e controle sobre a vida. O capitão da Enterprise, Jean-Luc Picard, lhe diz que muita coisa havia mudado na Terra, não havia mais acumulação e nem concentração de riqueza, todas as necessidades humanas haviam sido supridas. Offenhouse, surpreso, pergunta qual seria o desafio do homem já que não havia mais competição pelo poder nem pela acumulação. Picard lhe responde que o propósito do homem é melhorar a si mesmo, trabalhar pelo seu aprimoramento e o da humanidade.

No século XXIV, ao menos na série ficcional *Jornada nas Estrelas*, a sociedade capitalista neoliberal erigida sob a lógica do utilitarismo, da escassez, da dominação e controle sobre a vida havia sido suplantada por uma sociedade da abundância compartilhada a serviço dos sistemas vivos. Os filmes assemelham-se aos mitos, se pensam nos homens e nas sociedades de todos os tempos e lugares. Isso me remete a uma passagem das *Mitológicas*, na qual Lévi-Strauss considera que não se tratava de saber como os homens pensam os mitos, mas como os mitos se pensam nos homens, a despeito dos mesmos. Como os mitos, os filmes povoam a noosfera, nutrem o imaginário, semeiam a ecologia dos saberes e do pensamento.

De volta à realidade prosaica do século XXI, o que vemos é o modo de vida imperial da civilização ocidental e sua economia voraz que consome o planeta, explora os sistemas

socioecológicos, exaure os ecossistemas, acumula e concentra riqueza, desconsidera os modos de vida mais diversos. Faz da vida mercadoria, nos reduz à condição de homem econômico racional.

Segundo Krenak (2020), a vida não poder reduzida a algo útil, sua finalidade não é servir aos interesses econômicos utilitaristas. A ideia de uma vida voltada para a utilidade tem levado os humanos à exploração dos sistemas vivos e retroalimentado o ciclo vicioso de produzir mais para vender mais, ganhar mais e acumular mais. Esse modelo civilizatório despreza os modos de vida daqueles que vivem em simbiose com o meio ambiente, dos que têm coragem de ser radicalmente vivos. Para Krenak a vida deve ser entendida como fruição, ela é uma dança cósmica.

Formamos um só corpo uno-plural, um corpo biocósmico que é entretido pelos elementos físico-químicos do universo, um corpo que congrega o conjunto dos seres vivos da biosfera, um corpo biocultural que reúne a pluralidade dos saberes do mundo. Devemos abandonar a ideia reducionista de utilidade da vida, promover o diálogo de saberes, reflorestar o pensamento.

Para Davi Kopenawa, xamã yanomami, o *povo da mercadoria*, forma como se refere ao branco, acredita que os povos originários da floresta a deixariam de defendê-la para trocá-la por mercadorias. O dinheiro dos *comedores de terra*, referindo-se aos garimpeiros, jamais será suficiente para recuperar um rio contaminado, trazer de volta um animal de caça extinto, restituir uma floresta derrubada, devolver a vida aos yanomami devorados pela *fumaça das epidemias*, como se refere às doenças trazidas pelos brancos. “O sopro da nossa vida vale muito mais! Para saber disso, não preciso ficar com olhos cravados em *peles de imagens*, como fazem os brancos. Basta-me beber *yãkoana* e sonhar escutando a voz da floresta e os cantos dos *xapiri*” (KOPENAWA, 2015, p.355).

Já passou da hora de cocriarmos um novo *design* do ser humano, esboçarmos a imagem de um interser profundamente integrado na teia cósmica da vida; altruísta, que reconhece no outro a si mesmo; colaborativo, que se realiza nas interações da vida comunitária; solidário e fraterno, consciente de que pertencemos à mesma comunidade de destino comum – Gaia, nossa Terra-Pátria. A imagem do *Homo complexus, universalis e oecologicus*, que se regenera e coevolui com a biosfera.

Com Morin comecei a reflorestar meu pensamento, a tecer em conjunto os saberes e fazeres das sociedades humanas vinculando-os aos diversos ecossistemas bioculturais. Um pensamento reflorestado tem a complexidade como uma estratégia autocriativa e regeneradora do conhecimento.

Regenerar a vida

Desde 1972, com a publicação do *Relatório Meadows – Os Limites do Crescimento*, tomamos conhecimento de que o futuro do planeta dependia de uma mudança de curso, a começar pelo sistema econômico. Praticamente meio século depois continuamos a seguir pelo mesmo caminho, intensificamos o crescimento econômico de forma exponencial e aceleramos o tríplice processo globalização-ocidentalização-desenvolvimento. No cenário atual, uma mudança de via é imprescindível, ela pode ou não ocorrer, o futuro é incerto. Para mudarmos de via é preciso começar.

Há tempos, incontáveis pequenas iniciativas locais, por vezes imperceptíveis, têm emergido no interior do sistema, se auto-organizado enquanto coletivos e promovido ações regenerativas em suas comunidades e territórios. São acontecimentos dispersos pelo planeta, que bifurcam em inúmeras novas vias em busca de um outro mundo possível para o futuro das comunidades humanas em simbiose com Gaia. “São essas múltiplas vias que, ao se desenvolverem em conjunto, poderão conjugar-se para formar a nova Via que, por sua vez, desarticulará a via que seguimos e nos dirigirá rumo a ainda invisível e inconcebível Metamorfose” (MORIN, 2014, p.41).

É na esperança de uma mudança de via que Cidades Afetivas, idealizado por Cincotto Junior e Cesar (2020), nasce como um projeto de pesquisa^v no *Complexus*. Inspirado no pensamento complexo de Morin, buscamos na religação dos saberes e fazeres a compreensão dos diversos olhares das cidades, a partir das vivências e experiências de coletivos urbanos, que comungam dos ideários de uma vida em comum, e reivindicam uma vida ecologizada capaz de regenerar as comunidades socioecológicas e, por extensão, salvaguardar o patrimônio biocultural da biosfera.

Cidades Afetivas constitui-se como um observatório dos movimentos que apostam na aspiração ao Bem Viver, uma via ecológica e biocêntrica baseada na promoção conjunta dos Direitos Humanos e da Natureza. “Estes direitos não defendem uma Natureza intocada [...]. Estes direitos defendem a manutenção dos sistemas de vida – do conjunto da vida. Sua atenção se volta aos ecossistemas, às coletividades, não aos indivíduos” (ACOSTA, 2016, p.131).

Como no poema de Manoel de Barros, ao longo dessa caminhada tornei-me árvore. Com meu pensamento ecologizado, reflorestado pela ecologia dos saberes, compreendi, em meio à fruição da vida, que ser sustentável não bastava. Nos nutrimos e somos nutridos pela teia

cósmica da vida, nossa missão é nos tornarmos floresta, nos regenerarmos enquanto ecossistemas vivos interdependentes.

Uma cultura regenerativa começa a se expandir baseada na dádiva, na generosidade, na resiliência, na colaboração e na abundância compartilhada que nos reconecta com a essência do nosso ser, nosso amor pela vida. Uma cosmovisão baseada em uma cultura regenerativa tem como perspectiva o desenvolvimento salutogênico dos sistemas socioecológicos e o envolvimento solidário desses sistemas com a comunidade de destino comum, a biosfera. “A criação de culturas regenerativas distintas e colaborativamente unidas em uma civilização regenerativa é o único futuro viável a nossa frente enquanto nos movemos para a *era planetária*” (WHAL, 2019, p.46).

No atual contexto, para que possamos coletivamente criar culturas regenerativas, mudarmos de via, temos de estar conscientes do que podemos esperar de um mundo pós-pandemia. Em *É hora de mudarmos de via: as lições do coronavírus*, Morin aponta os muitos desafios que teremos de enfrentar. Para lidarmos com eles, as perguntas que precisamos responder são muitas.

Caminharemos para uma cultura *slow* em uma possível sociedade convivalista ou sucumbiremos ao tempo acelerado da sociedade do cansaço? Cultivaremos as solidariedades despertadas durante a pandemia ou regressaremos à vida individualista e egoísta dos últimos tempos? Lutaremos para preservar os interesses coletivos ou seremos vencidos pelo neoliberalismo e pela privatização dos bens comuns? Os dispositivos digitais-tecnológicos servirão à emancipação da vida ou seremos vigiados, controlados e subjugados por uma tecnocracia digital? Relocalizaremos a produção favorecendo o florescimento de empreendimentos generosos^{vi} e de economias circulares, distributivas e abundantes ou seguiremos pelas vias do hipercapitalismo aprofundando o processo de globalização-ocidentalização-desenvolvimento? Transacionaremos para um mundo de culturas regenerativas ou retrocederemos em todas as áreas da vida rumo ao abismo?

Apreendi com Morin a esperar, a compreender que o futuro é imprevisível, que diante das incertezas da vida nos cabe resistir às crueldades do mundo, apostar na mudança de via. O caminho não está traçado, é caminhando que o traçamos. “A esperança está na luta pelo despertar das mentes e pela busca de outra Via, que a experiência da mega crise mundial terá estimulado” (MORIN, 2020b, p. 53).

Estamos no ano vinte e um do século XXI, que mundo queremos cocriar a partir de agora? “A aventura é mais que nunca incerta, mais do que nunca aterrorizante, mais do que nunca exaltante. Estamos sendo carregados nessa aventura e devemos nos alistar no partido de Eros” (MORIN, 2020b, p. 97). Os desafios parecem intransponíveis, e para mudarmos de via devemos estar ao lado da Vida, semear culturas regenerativas dos sistemas socioecológicos, garantir acesso coletivo aos bens comuns, cultivar as solidariedades, tecer convivialidades, promover o Bem Viver para salvaguardar o legado biocultural de Gaia.^{vii}

REFERÊNCIAS

ACOSTA, Alberto. **O bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos**. São Paulo: Autonomia Literária, Elefante, 2016.

A zona neutra (Temporada 1, ep. 25). **Jornada nas Estrelas: A Nova Geração [Série]**. Direção: James L. Conway. Produção: Maurice Hurley. 1988. 45 min.

CASSÉ, Michel. **Filhos do céu: entre vazio, luz e matéria**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

CINCOTTO JUNIOR, Sydney. Ecologizar: caminhos para a ecopolítica planetária. **Revista Internacional de Humanidades**, v. 3, n. 2, p. 91-99, 2014. Disponível em: <https://journals.eagora.org/revHUMAN/article/download/729/299> Acesso em: 30 maio 2021.

CINCOTTO JUNIOR, Sydney. **Em busca de uma Antropologia Fundamental: diálogos com Edgar Morin e Michel Serres**. 2017. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.

CINCOTTO JUNIOR, Sydney; CESAR, Vivian A. B. S. Soares. Cidades Afetivas: vias convivialistas para o futuro de uma vida em comum. **Espiral**, v. 4, p. 107-115, dez. 2020. Disponível em: <http://www.iecomplex.com.br/revista2/index.php/espical/article/view/56> Acesso em: 01 jun. 2021.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu: Palavras de um xamã yanomami**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KRENAK, Aílton. **A vida não é útil**. Companhia das Letras: São Paulo, 2020.

MORIN, Edgar. **O enigma do homem: Para uma Nova Antropologia**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

MORIN, Edgar. **Introdução ao Pensamento Complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2005.

MORIN, Edgar. El pensamiento ecologizado. *In*: MORIN, Edgar. **El año I de la era ecológica**. Barcelona: Ediciones Paidós, 2008, p.25-50.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2ª ed. ver. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2011.

MORIN, Edgar. **A via para o futuro da humanidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

MORIN, Edgar. **A aventura de O Método e Por uma racionalidade aberta**. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2020a.

MORIN, Edgar. **É hora de mudarmos de via: as lições do coronavírus**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020b.

NHAT HANH, Thich. **Paz a cada passo: como manter a mente desperta em seu dia-a-dia**. Trad. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

RAWORTH, Kate. **Economia Donut: uma alternativa ao crescimento a qualquer custo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2019.

WHAL, Daniel Christian. **Design de Culturas Regenerativas**. Rio de Janeiro: Bambual Editora, 2019.

ⁱ A obra *Le Paradigme Perdu: La Nature Humaine*, publicada em 1973 na França pela Éditions du Seuil, foi traduzida e publicada no Brasil com o título *O Enigma do Homem: Para uma Nova Antropologia*.

ⁱⁱ Grande paradigma do Ocidente é como Morin costuma denominar o paradigma cartesiano-newtoniano de substrato aristotélico que desde o século XVII governa o pensamento ocidental.

ⁱⁱⁱ *Em busca de uma Antropologia Fundamental: diálogos com Edgar Morin e Michel Serres*, é o título da minha Tese de Doutorado em Ciências Sociais que inspira muitas linhas desse texto.

^{iv} **A Zona Neutra**, último episódio da 1ª temporada de *Jornada nas Estrelas: A Nova Geração*, com primeira exibição em 1988 no EUA. A série está disponível na plataforma Netflix.

^v Projeto coidealizado por mim e por Vivian Blaso no âmbito do Núcleo de Estudos da Complexidade, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP, no qual realizamos nosso doutorado sob orientação do prof. Edgard de Assis Carvalho, líder do *Complexus*, tradutor de inúmeras obras de Morin e semeador do pensamento complexo no Brasil.

^{vi} Em *Economia Donut*, Kate Haworth descreve os negócios e os empreendimentos generosos como sendo aqueles que se reconhecem enquanto parte dos sistemas vivos socioecológicos e cuja essência de suas atividades reside em devolver vida ao meio ambiente, em contribuir para reestabelecer os ciclos da natureza, em projetar como natureza ao tomá-la como modelo e mentora de nossas atividades econômicas.

Recebido em: 31.08.21

Aprovado em: 15.10.21